

Chics, elegantes e distintas: a moda na seção Jornal das famílias da Revista da Semana (1915-1918)

Chics, elegant and distinct: fashion in section jornal das familias of Revista da Semana (1915-1918)

Sediana Rizzo Czrnorski*

Marlise Regina Meyrer**

Resumo: Partindo da concepção da moda como fenômeno social diretamente ligado as transformações sociais e culturais relativas a diferentes contextos históricos, o artigo analisa a moda veiculada na *Revista da Semana*, como um instrumento de distinção social e de gênero, tendo como público uma parcela da elite feminina do Rio de Janeiro no início do século XX. O foco de análise é a seção *Jornal das Famílias* inserida na revista, no período de 1915 a 1918. Com objetivo de identificar algumas das formas pelas quais a distinção é construída através da moda, foram elencadas cinco categorias de análise: Tecidos; Indumentária e ornamentos; Detalhes; Corpo e beleza; e Sociabilidade, educação e comportamento social.

Palavras-chave: Moda - Revista da Semana – Distinção Social - Gênero

Abstract: From the fashion design as a social phenomenon directly linked to the social and cultural changes related to different historical contexts, the article analyzes the fashion conveyed in *Revista da Semana* as a social distinction instrument and gender, with the audience a part of female elite of Rio de Janeiro in the early twentieth century. The focus of analysis is the *Jornal das Famílias* inserted in the magazine, from 1915 to 1918. In order to identify some of the ways in which the distinction is built through fashion, were listed five categories of

*Especialista em Moda e Mestre em História pela Universidade de Passo Fundo

** Professora Dra. do PPGH da Universidade de Passo Fundo.

analysis: Fabrics; Clothing and ornaments; Details; Body & Beauty; and sociability, education and social behavior.

Keywords: Fashion – *Revista da Semana* - Social Distinction - Gender

O presente artigo objetiva discutir as maneiras pelas quais a moda é utilizada na diferenciação social e de gênero, sob a ótica da seção¹ *Jornal das Famílias* inserida na *Revista da Semana*, ou seja, de que forma a seção difundia e reforçava componentes identitários de classe e gênero no que concerne à moda do vestuário, aos ornamentos e aos costumes² cultivados no período de 1915 a 1918. Assim, investiga-se a influência desse periódico na construção e na difusão da distinção social pertinente à moda para um público específico, as mulheres das camadas mais abastadas do Rio de Janeiro³ e as de outros centros em que a revista circulava. O recorte temporal parte de uma modificação na própria revista, que passou de um periódico de variedades, em 1914, para um periódico feminino, em 1915, encerrando no ano de 1918, com o fim da Primeira Guerra Mundial, evento que influenciou as linhas da moda na história.

A moda vem ocupando um espaço cada vez maior na produção historiográfica recente, especialmente na perspectiva da história cultural, constituindo-se em uma temática de pesquisa que vem despertando interesse tanto de pesquisadores da área específica do vestuário, quanto das ciências humanas e sociais. No campo da História a moda tornou-se um tema de relevância, através do qual é possível reconhecer as preferências e os valores estéticos de uma época, bem como desvelar costumes, valores e práticas sociais relativas a uma determinada cultura.

A moda, portando, é entendida como um fenômeno social (CALANCA, 2008), que compreende transformações de hábitos, costumes e gostos de uma determinada sociedade ocorrendo em forma de ciclos. A autora ainda faz uma abordagem sobre o termo “costume”, que com relação à moda, assume o sentido

¹ Na *Revista da Semana*, o *Jornal das Famílias* é designado como “seção”, e as reportagens no seu interior como matérias, crônicas ou mesmo seções.

² Aqui entendido como hábito ou prática observada em relação à moda.

³ Esse era o público-alvo pretendido pela revista. Entretanto, tem-se consciência de que sua difusão e seu consumo era muito mais amplo, o que se evidencia pelo fato da existência de um acervo da revista na cidade de Passo Fundo - RS.

de uma prática constante que determinaria a conduta de um grupo social, sendo que essa definição corresponde à ideia de sistema. Assim, a autora quer dizer que a moda como um sistema é uma estrutura, ou seja, um conjunto com diversos elementos que se relacionam entre si.

A moda não abrange apenas o vestuário, mas adiciona objetos e conceitos que compõem a aparência, pois os elementos que fazem parte desse conjunto, como adornos, a própria roupa, a conduta e os gestos, atuam entre si. As “formas ou posturas” corporais de um indivíduo, segundo Feijão, além de sofrer influências do vestuário, “[...] podem também ser fruto do estilo de vida, da ocupação ou do lugar que o indivíduo ocupa na sociedade” (2011, p. 85). A autora reflete ainda sobre as diversidades do vestuário masculino e feminino, que sofriam influências com relação à classe e à “[...] divisão de tarefas e das possibilidades destinadas a cada gênero [...]” (2011, p. 86).

Com o desenvolvimento das cidades e do espaço urbano, tornou inevitável a convivência entre as várias classes sociais, mesmo que tal situação não fosse desejada (FEIJÃO, 2011). Em vista disso, as classes sociais passaram a utilizar, cada vez mais, o artifício da diferenciação do vestuário como um meio de distinguirem-se socialmente. Já para Bourdieu, a moda integra o que ele chama de sistemas simbólicos de dominação, integrando as “lutas simbólicas em busca da distinção”. Para ele as batalhas travadas para conquistar bens de “valor” como culturais ou econômicos são indissociáveis das lutas simbólicas pela “posse” de signos de distinção que consistem em bens ou as práticas cristalizadas e cristalizantes (BOURDIEU, 2007).

Dessa forma, Bourdieu enfatiza que as inúmeras formas de diferenciação entre classes sociais em determinada sociedade, nada mais são do que uma avaliação em certo momento das lutas simbólicas que são investidas do que o autor considera “estilo de vida legítimo” e que “[...] encontra uma realização exemplar nas lutas pelo monopólio dos emblemas da “classe”, ou seja, bens de luxo, bens de cultura legítima ou modo de apropriação legítimo desses bens” (BOURDIEU, 2013, p. 233).

Essas referências ao poder simbólico do vestuário afastam-se daquelas características tradicionais a ele atribuídas, como ornamentação e proteção. Esse entendimento permite entender o vestir-se como um ato de significação,

demarcador de identidades sociais, de gênero, étnicas, religiosas, sendo essas, muitas vezes, carregadas de ideologias.

Essas questões teóricas podem ser exemplificadas ao se estudarem os fatores que permeiam as relações culturais entre as mulheres das classes mais abastadas do Rio de Janeiro entre meados do século XIX e início do século XX. Verifica-se, então, um *costume*, um comportamento consolidado pela moda vigente que propunha trajes para mulheres –manhã, tarde e noite – para bailes, passeios, visitas, chás, teatro, interior (para o lar), campo, recepções, e cada qual com seus respectivos ornamentos e detalhes. Ainda para o público feminino elitista, consideravam-se certas maneiras de convívio em sociedade como regras de etiqueta, cordialidade, saber conversar com as pessoas e ser agradável. O bom gosto da escolha da vestimenta era critério para ser, ou não, considerada distinta.

O período de transição entre o século XIX e o século XX, no Brasil, foi o de uma era de inovações, de melhorias urbanas, de transformações comportamentais, visto que a ideia de desenvolvimento defendida, em parte, pelo novo governo republicano, não se baseava somente no remodelamento das cidades, mas também na ordenação das condutas sociais tanto das classes mais abastadas como das mais humildes, pois a modernidade, para as elites governantes, era sinônimo de progresso. Essas modificações reformularam as noções de tempo e de espaço dos indivíduos e as formas de percepções do mundo. Em nenhum outro período na história tantas pessoas foram envolvidas de uma maneira tão rápida nos processos de transformação de hábitos, modos de vida, conceitos e ideias.

Para Carvalho (1991) essa circulação de ideias e de mentalidades na Primeira República “[...] não produziu correntes ideológicas próprias ou novas visões estéticas. Contudo, por um momento, houve um abrir de janelas, por onde circularam mais livremente ideias que antes se continham no recatado mundo imperial” (p. 24). Siqueira (2008), por sua vez, afirma que com a República, a urbanização deixa de ser apenas um processo de agrupamento de indivíduos em determinadas cidades para tornar-se uma intervenção mais abrangente, definida como “modernização”, promovendo mudanças nos hábitos e costumes da população urbana, que passou a pautar-se por valores e práticas oriundas da Europa, entendida como civilizada.

Logo, a Primeira República no Brasil sofreu influências das ideias de modernidade, principalmente vindas da Europa, onde tal processo já se encontrava em amplo desenvolvimento. Segundo Le Goff (2003), no fim do século XIX, as nações julgadas retrógradas passaram por processos de modernização e de ocidentalização, pois o conceito de “ser moderno” compreendia entrar no ritmo de aceleração desenfreado nomeado de modernidade (LE GOFF, 2003). Com as transformações urbanas incorporadas às necessidades das indústrias e o crescimento populacional, as cidades tiveram de sofrer alterações no perímetro urbano, com a implantação de infraestrutura urbanística adequada, seguindo as ideias modernas. Segundo Siqueira (2008), a urbanização tornou-se um procedimento complexo que diversificaram a vida urbana com a inserção de “[...] teatros, jornais, revistas, bibliotecas, agremiações, partidos políticos, entre outros (SIQUEIRA, 2008, p. 1).

Nesse contexto a imprensa diversificou as possibilidades de publicações (jornais e revistas ilustradas) em decorrência do crescimento urbano propício para a circulação de notícias e também pelas novas tecnologias com a euforia futurista da revolução tecnológica nas primeiras décadas do século XX, como, por exemplo, o cinematógrafo, o gramofone, o fonógrafo, a linotipo, os daguerreótipos, o telefone e o telégrafo. Esses dois últimos começaram a ser utilizados pelas empresas como instrumentos do cotidiano. Nesse momento de transformações,

[...] a imprensa conheceu múltiplos processos de inovação tecnológica que permitiram o uso de ilustração diversificada – charge, caricatura, fotografia -, assim como aumento de tiragens, melhor qualidade de impressão, menor custo do impresso, propiciando o ensaio da comunicação de massa (ELEUTÉRIO, 2008, p. 83).

É nesse contexto que as revistas passaram a ganhar mais espaço no final do século XIX e início do século XX. As diversas revistas ilustradas que surgiram no período apresentavam “maior variedade de conteúdo, principalmente ficção, poesia, relatos de viagens e outras matérias de entretenimento, enquanto nos jornais, predominavam os textos de opinião, com discussão de ideias, polêmicas [...]” (BUITONI, 1990, p. 17). Neste período, as revistas tornaram-se moda,

ditaram modas e foram um veículo de difusão de modas, comportamentos e hábitos como referência do exterior. Com o desenvolvimento técnico das gráficas, o crescimento do público leitor e o custo excessivo dos livros, as revistas foram beneficiadas, conseguindo envolver em um único exemplar vários assuntos para agradar o maior número de leitores. Com os recursos da ilustração e da fotografia elas tornaram-se mais atraentes para os leitores.

Dessa forma, as revistas tornaram-se um importante espaço de representação da sociabilidade da época, num momento em que a ascensão de uma classe média e a promoção da vida urbana, contribuía para o surgimento de novos espaços públicos e eventos sociais para atender a demanda desses novos grupos: eventos, recepções, óperas, teatros, dentre outros (MARTINS, 2001). A movimentação das lojas luxuosas e o comércio, de uma forma geral, eram retratados nas revistas, que se tornavam, cada vez mais, um veículo de representação das camadas mais abastadas da sociedade, afinal, “a busca dos sinais de distinção estava na ordem do dia, traduzidos por práticas também estimuladas e assimiladas via periodismo. A começar pela vestimenta, seguida das relações de sociabilidade, a ida ao Prado, aos recitais [...]” (MARTINS, 2001, p. 382).

Inicialmente, as revistas não tinham um público-alvo definido, sendo seu conteúdo variado e destinado a homens e a mulheres. Posteriormente, muitas revistas ilustradas foram-se segmentando, dedicando-se, muitas delas, ao público feminino. Em se tratando dos impressos de uma forma geral, na passagem do século XIX para o XX, não havia distinção de público, visto que, não havia a ideia de público que temos atualmente.

A imprensa feminina “[...] nasceu sob o signo da literatura, logo depois acompanhado pelo da moda. Nos primeiros tempos, moda e literatura dividiam as atenções” (BUITONI, 1990, p. 22). Com o passar do tempo, outros assuntos foram ganhando espaço, em função da utilidade, como economia doméstica, trabalhos manuais e conselhos de saúde. Entretanto, segundo Martins, praticamente “todas” as revistas do período eram de *variedades*, mesmo que designadas como esportivas, femininas, agrícolas, religiosas, operárias, entre outras, pois no interior dos periódicos os assuntos e as seções eram diversificados

para agradar ao público-alvo e àqueles que ainda poderiam alcançar (MARTINS, 2001).

A *Revista da Semana*, objeto deste estudo, apresentava diversas seções e reportagens em que a mulher participava na produção escrita, como, por exemplo, nos artigos *A Vingança do amor* (REVISTA DA SEMANA, 1915, AHR-UPF), assinada por *Frederica Schumann*; *Chronica da Moda* (REVISTA DA SEMANA, 1915, ACERVO DIGITAL DA BIBLIOTECA NACIONAL) por *Jocelyne* (Figura 1); *Um Jardim dentro de casa* (REVISTA DA SEMANA, 1916, AHR-UPF), assinado por *Sylvia Ney*; *Consultório da Mulher* (REVISTA DA SEMANA, 1917, AHR-UPF), assinado por *SeldaPotocka*, dentre outros. Lembramos, entretanto, que nesse período era comum usar pseudônimos entre os colaboradores das revistas, sendo que é sabido que alguns redatores masculinos assinavam artigos com pseudônimo feminino, contribuindo para reforçar determinados estereótipos sobre as mulheres.

No início do século XX, com a chegada de diversos periódicos como a *Revista da Semana*, *A Cigarra* e *Fon-Fon*, as revistas conquistam um caráter mais informativo e uma vida mais contínua. Embora essas revistas estivessem designadas ao coletivo em geral, a moda era um dos principais assuntos em suas páginas. Nas seções que tratavam de moda, os colaboradores traziam temas de comportamento, detalhes da vida cotidiana, prendas domésticas, decoração para o lar, cuidados com a beleza, além da moda especificamente que, em geral, seguia as tendências europeias como sinônimo de prestígio e distinção.

No início do período republicano, a *Revista da Semana* foi um marco no mercado editorial desse segmento, cuja existência foi uma das mais longas entre as revistas impressas do início do século XX. Andrade refere-se à revista como um periódico “[...] que representa, por excelência, a transição do século XIX para o século XX, da imprensa artesanal para a imprensa industrial” (2004, p. 234). Ainda de acordo com Martins (2001), a *Revista da Semana* estava entre as melhores revistas ilustradas do País. Lançada como suplemento do *Jornal do Brasil*, foi o primeiro grande projeto de uma revista em moldes empresariais no Brasil que, na sua primeira edição - 20 de maio de 1900 -, teve o número de exemplares esgotados nas bancas. A revista circulou até o ano de 1959.

A *Revista da Semana* procurou acompanhar as novidades tecnológicas. Do mesmo modo, promoveu as técnicas de fotorreportagem, modificando o visual, colocando em evidência a imagem e reunindo um qualificado corpo de colaboradores. Outra propriedade da revista foi o seu pioneirismo no que diz respeito à utilização da fotografia para ilustrar suas reportagens. Andrade afirma que, nos primeiros números, poderiam ser identificadas as características “[...] que viriam marcar, décadas mais tarde, o advento da fotorreportagem na imprensa carioca e – por que não o dizer – na imprensa brasileira” (2004, p. 234). Nelson W. Sodré, a respeito desse assunto, enfatiza que, na visão da técnica, as revistas ilustradas marcam a abertura da fase da fotografia, e também da emancipação da ilustração, colocando de lado as barreiras da litografia e da xilogravura.

A Revista da Semana (Rio de Janeiro, 1900), de Álvaro Teffé, é unanimemente apontada como marco do surto – que se prolongaria por décadas – das chamadas revistas ilustradas ou de variedades. Com apresentação cuidadosa, de leitura fácil e agradável, diagramação que reservava amplo espaço para as imagens e conteúdo diversificado, que poderia incluir acontecimentos sociais, crônicas, poesias, fatos curiosos do país e do mundo, instantâneos da vida urbana, humor, conselhos médicos, moda e regras de etiqueta, notas policiais, jogos, charadas e literatura para crianças, tais publicações forneciam um lauto cardápio que procurava agradar a diferentes leitores, justificando o termo variedades. Pode-se supor que tal uso cumpria função estratégica: diante do relativamente minguado público leitor/consumidor, o sucesso do negócio revista dependia de se conseguir ampliar ao máximo os possíveis interessados, daí o recurso a uma rubrica ampla, que permitia incluir de tudo um pouco (LUCA, 2006, p. 121).

Com relação ao *Jornal das Famílias*, era considerado uma seção dentro da *Revista da Semana*. Tal informação pode ser confirmada no primeiro exemplar: “A *Revista da Semana* inaugura hoje, com o título de *Jornal das Famílias*, uma seção que muitas das suas leitoras lhe pediam e na qual serão incluídos com desenvolvimento crescente os assumptos que mais particularmente interessam a vida doméstica e a dona de casa” (REVISTA DA SEMANA n. 30, 1915 – AHR-UPF).

A seção evidencia em suas páginas, especialmente as moças e senhoras da elite carioca, que frequentavam salões, teatros, dentre outros espaços de

sociabilidade destinados a esse grupo social. Eram, em geral, escolarizadas e apreciavam a leitura como forma de instrução das novidades sobre moda e vestuários do seu tempo. Elas deveriam apresentar-se “ bonitas e bem-vestidas” conforme os padrões da época, adotando as tendências da moda e de comportamento sugeridas, sobretudo, pelos meios de comunicação, especialmente as revistas, que se tornaram uma das formas privilegiadas deste público leitor desfrutar do impresso,

[...] Não aquele da leitura compenetrada, dependente de ambiência própria, de autor consagrado, da dificultosa aquisição do livro. Mas, da leitura folhetinesca, em pedaços, quase aleatória, conduzida pela variedade de seções e ilustrações, que ao fim e ao cabo, definiu dois códigos de consumo do impresso: aquele do texto e o outro, da imagem (MARTINS, 2001, p. 377).

O “pequeno jornal”, como era conhecido o *Jornal das Famílias*, lançou-se no ramo dos editoriais femininos no dia 04 de setembro de 1915. Era considerada uma das seções mais longas da revista, com matérias sobre moda, conselhos sobre valores e comportamentos, dicas de higiene e saúde e assuntos sobre a vida doméstica para as senhoras e para as moças da época. Seu último exemplar foi em 04 de novembro de 1939. Portanto, a seção permaneceu em circulação por vinte e quatro anos. Geralmente, a seção se encontrava nas últimas páginas da *Revista da Semana*.

A ideia que a seção *Jornal das Famílias* disseminava era de uma moda simples e elegante, na qual a riqueza consistia nos pequenos detalhes. Em conformidade com Lipovetsky, o autor menciona a expressão “pequenos nada”, fazendo referência à questão distintiva dessas minúcias na composição da imagem:

Torrentes de ‘pequenos nada’ e pequenas diferenças que fazem toda a moda, que desclassificam ou classificam imediatamente a pessoa que os adota ou que deles se mantém afastada, que tornam imediatamente obsoleto aquilo que os precede. Com a moda, começa o poder social dos signos ínfimos, o espantoso dispositivo de distinção social conferido ao porte das novidades sutis (1989, p. 32).

Todavia, a combinação dos adornos, dos tecidos requintados, ter bom gosto na escolha do vestuário seguindo as tendências da moda etc., não bastava para as mulheres das elites cariocas, pois, para ser considerada “*chic*”, distinta e elegante, era necessário ter os “trejeitos” apropriados, saber se comportar em sociedade, frequentar bailes, teatros, os chás de caridade e ter o conhecimento das “prendas domésticas”. A imagem de mulher elegante não estaria ligada somente à vestimenta e aos acessórios, mas também aos comportamentos e aos valores morais. Oliveira corrobora essa ideia com relação à distinção entre classes sociais, uma vez que

[...] para um burguês ‘bem-nascido’, a distinção de classe social tinha que ser expressa em detalhes: o corte de sua casaca, na qualidade de suas roupas, na alvura de seus tecidos. Chapéus, cartolas e luvas, para-sóis e leques, guarda-chuvas e bengalas eram acessórios essenciais na construção da imagem de uma ‘dama’ e de um ‘cavalheiro’ (2010, p. 185).

A leitura da Revista da Semana e, mais especificamente, da seção *Jornal das Famílias* evidenciou que a relação da moda com a distinção social associada a um modelo de comportamento feminino constitui-se no “fio condutor” das regras sociais para as mulheres da época, especialmente para as das camadas sociais mais abastadas, difundidas nas reportagens da seção investigada. Esta constatação direcionou a análise no sentido de compreender como a moda publicada na seção *Jornal das Famílias* reproduziu e reforçou elementos simbólicos de distinção social e de gênero.

A análise teve como base um *corpus documental* composto 174 exemplares da *Revista da Semana*⁴ e 173 para a seção *Jornal das Famílias*⁵. Um periódico está faltando. A seção apresenta em torno de três a quatro páginas por periódico, iniciando em 4 de setembro de 1915 e estendendo-se até o final de 1918. Foram

⁴ Este número compreende sua totalidade, sem interrupções (não está faltando nenhum exemplar).

⁵ Muitas seções da *Revista da Semana* neste período apresentavam “falhas” de continuidade. Entretanto, acredita-se que essa informação não se aplica à seção *Jornal das Famílias*, pois existe uma numeração do periódico e do n. 159 vai para o n. 161. Isso significa que o n. 160 (REVISTA DA SEMANA n. 38, 1918 – ACERVO DIGITAL DA BIBLIOTECA NACIONAL), que é o que está faltando, existe, porém a ele não se obteve acesso.

analisados um total de 1256 reportagens da seção, sendo 564 (44,90%) matérias de títulos diferentes.

Ao se observarem os resultados obtidos, pode-se verificar que a moda era um dos assuntos mais abordados na seção, o que permite caracterizar o *Jornal das Famílias* também como um “suplemento” de moda, além de feminino, conforme definição da própria *Revista da Semana*. Sendo a moda o tema de maior abrangência numa publicação dedicada a um público feminino específico, está clara a íntima relação que o tema tem com os demais aspectos formativos e informativos dedicados a este público almejado.

A partir da leitura das matérias que compõem o *corpus* documental, procedeu-se à categorização das fontes. As categorias foram definidas tendo como critério sua expressividade na totalidade dos textos lidos⁶ e a possibilidade de articular a moda à distinção social e de gênero, enfoque central da pesquisa. Elencamos, assim, cinco categorias para análise: Tecidos; Indumentária e Ornamentos; Detalhes; Corpo e Beleza; e Sociabilidade, educação e comportamento social, a partir das quais pretende-se identificar as formas utilizadas pelas mulheres das classes mais abastadas da sociedade para se distinguirem socialmente em conformidade com os papéis atribuídos ao seu gênero no âmbito social e cultural.

Tecidos

Os tecidos em todo o século XIX e no início do século XX, eram tratados como símbolo de riqueza e de distinção entre classes, mesmo depois que do início da Primeira Guerra Mundial. O que se percebeu durante a investigação foi que a metragem de tecidos diminuiu em comparação à quantidade de tecidos com que eram confeccionados os trajes femininos do período de antes da guerra. Porém, a seção *Jornal das Famílias* dava ênfase à qualidade desses tecidos, tanto para o vestuário quanto para a decoração do lar, categorizando os tecidos *chics*, elegantes e distintos e os mais simples.

A qualidade e o refinamento da matéria-prima eram um dos meios de distinção social entre as mulheres da elite carioca, especialmente, no que concerne às características dos tecidos e materiais utilizados na confecção dos

⁶ A análise baseia-se em textos escritos e imagens.

trajes femininos e também aos ornamentos como chapéus e luvas. Como exemplo, podemos citar o artigo publicado na seção de 1º de janeiro de 1916 do *Jornal das Famílias*, na primeira página, com o título de *A Moda*, que afirma que “[...] a elegancia consiste na qualidade do tecido ou na originalidade directa do enfeite” (REVISTA DA SEMANA n. 47, 1916, p. [s. p.] - AHR-UPF). Em outro exemplar, há a opinião de uma leitora sobre esta questão:

[...] acho que a verdadeira elegancia reside na escolha dos tecidos e das côres. Gósto dos que são ricos e leves, os *crépins*, os setins, as ottomanas, os *tussores* – em geral todos os tecidos de Liberty – e nunca compreendi a admiração das mulheres pelas fazendas que semelham as das religiosas e aquelas que usam os homens (REVISTA DA SEMANA n. 36, 1916, p. [s. p.] - AHR-UPF).

Observa-se que, a distinção não se refere somente ao domínio do social, mas também ao gênero. Assim, os tecidos utilizados no vestuário feminino eram classificados levando em consideração as atividades e papéis destinados às mulheres daquela sociedade, conforme podemos observar no artigo, citado abaixo:

A moda para a primavera e para o verão proximo como que constitui-rá uma legião – a das *damas brancas*. Que tecidos, porém, serão melhores a empregar para obedecer, nas *toilettes* do dia, a esse venerado e encantador costume, mais em voga do que nunca? De manhã, o *crépon* em quadradinhos, o linho liso riscado, o *natteéponge*, o *tussor* e o *shantung*. Os vestidos d’interior fazem-se um *crépon* de seda, em crepe, em *voile* de seda, seda ondulada, seda *créponnée*, *cajolcuse*. Para a tarde, visitas, chás, emprega-se *linon* de linho e d’algodão, o crepe enfeitado e bordado, o crepe com risquinhas, o *linon* com bordados inglez e *à jour*, os *voiles* de riscas assetinadas, o *tussorcrépe*. Para a noite, o *tullefantasia* tambem com pontos abertos, o *tulled’Alençon* de seda, o *tullepoint d’esprit*, o *tulleMalines*, a gaze *brochée* o crepe de seda *givrée*, a *nacrine*. Acrescentaremos ainda: os vestidos brancos serão acompanhados de cintos *de taffetasbrochéPompadour* e de fitas de velludo em tons vivos – e esta nota colorida dará um realce á *toilette* branca! (REVISTA DA SEMANA n. 33, 1916, p. [s. p.] - AHR-UPF).

A fim de corroborar com a ideia de que a moda difundida na revista, construía e reproduzia distinções sociais, observamos que as variedades de sedas eram as que mais se apresentavam na confecção dos modelos femininos na seção

Jornal das Famílias, seja pela confecção do traje como um todo, associado a outro tecido ou em forma de detalhe, sendo que a seda, nesse período, era um produto que estava ao alcance apenas das mulheres das classes altas da sociedade (HAWTHORNE, 2009).

Em outra reportagem, podemos observar a relevância da qualidade dos tecidos na indumentária feminina, tanto para os trajes quanto para a confecção dos adornos, intensificando o viés da distinção nesse aspecto, pois conforme a seção, em tempos que os recursos são escassos, a elegância e a distinção preside no

excesso de simplicidade. O que se deve sempre procurar é que a qualidade do tecido e córte sejam bons. Nos acessórios há um excelente papel d'elegancia. Um vestido não produzirá o resultado que se deseja se não se combina com calçado e chapéo adequado. As meias, as luvas, a carteira teem importância. Para andar na rua eis um modelo tão simples quanto *chic*: vestido de sarja azul-marinho com *bolcrobasques*. Estas são enfeitadas com um galão de seda, o cinto adiante e atraz é feito tambem com galão, mas prateado, assim como os bolsos fingidos da saia. [...] Chapelinho azul-marinho, adornado com uma phantasia marfim. [...] E tambem as ruches *picots* e todos os minuciosos adornos que caracterizam essas modas. [...] O crepe, *taffetas*, batista *pongé*, a seda *damassée*, os enfeites com rendas musselinas de seda, ruches, etc., que surgem quando a saia fluctua ao caminhar estão em rigor da moda (REVISTA DA SEMANA n. 27, 1916, p. [s. p.] - AHR-UPF).

A investigação na seção *Jornal das Famílias*, identificou uma grande variedade de tecidos para a confecção dos trajes e acessórios, sendo que a mesma fibra poderia apresentar versões em tecidos mais caros, para trajes luxuosos, e mais em conta, para as classes com menos condições financeiras. Em vista disso, a qualidade dos tecidos era relevante na construção de um modelo feminino das elites, uma vez que essa característica construir-se-ia tanto na indumentária, quanto nos acessórios utilizados pelas mulheres para a formação desse “ideal de requinte”, em se tratando da confecção desses produtos.

Indumentária e ornamentos

A leitura da seção *Jornal das Famílias*, revelou, também, que a indumentária e os ornamentos eram outros componentes de distinção entre

classes sociais, afinal, a moda que pautava os usos e costumes do período, dizia respeito à utilização da vestimenta juntamente com os ornamentos como, bolsas, chapéus, calçados, entre outros, formando um sistema de signos, aliando o prazer de ver e ser visto em sociedade. Estes, por sua vez compunham uma indumentária atrelada a determinados padrões de comportamentos da época em que normas de condutas sociais determinavam o *traje* a ser usado em locais específicos e ocasiões como passeios, visitas, recepções, teatros, bailes, chás e para o lar. Por exemplo, “para estar em casa, nada mais distinto que a blusa d’uma só côr, mas por debaixo do casaco *tailleur é pschutt* a nota clara d’uma gola ou d’um collete de batista branca” (REVISTA DA SEMANA n. 47, 1916, p. [s. p.] - AHR-UPF).

Com relação aos acessórios, podemos citar as luvas, tidas como importante complemento do vestuário. A seção divulgava que esse era um item que não deveria faltar a uma mulher “considerada” elegante e *chic* em determinadas ocasiões.

Algumas senhoras – e não é caso para se lhes dar os parabens, parecem querer imitar as argentinas – intentam a abolição das luvas, e preferem apresentar-se nos theatros com as mãos e braços a descoberto, mostrando valiosas joias. Mas essa tentativa tem fatalmente de se mallograr, porque precisamente as luvas são o complemento indispensavel d’uma *toilette*. Não se concebe uma senhora elegante se não se calça bem e não tem luvas bonitas (REVISTA DA SEMANA n. 45, 1916, p. [s. p.] - AHR-UPF).

Os acessórios como, por exemplo, os chapéus, as sombrinhas, as luvas, os calçados, dentre outros, seriam “essenciais”, assim como o penteado, na composição da aparência. Tais elementos eram combinados com a roupa, sendo definidos para serem usados pela manhã, tarde ou à noite.

De manhã usa-se, em geral, *canotiers* de palha *tilieul* ou de palha preta brilhante, aba pequena, copa alta, e uma rosa com o centro escuro, posta ao lado, ou então em setim e palha com pennas brancas. A’ tarde, esse mesmo chapéu adquire maiores proporções, por ser de palha fina ou de velludo preto, com aba forrada de gaze branca. Para visitas pode-se usar um chapéu que tem um *certocachet*: a *capeline* de Chantilly com um laço de côr viva, o *plateauroulé* de tulle com flôres ou um tricornio muito pequeno (REVISTA DA SEMANA n. 51, 1916, p. [s. p.] - AHR-UPF).

Como pode-se observar, os acessórios eram um componente essencial na composição da indumentária. Na matéria *Modas* da seção *Jornal das Famílias*, essa relação explicita-se informando a maneira como a sombrinha fazia compunha o visual, sendo um objeto “indispensável”⁷ para as senhoras, pois ela além de ser utilizada como proteção ao sol era “[...] uma companheira e além d’isso um objeto util e de luxo, o que aumenta extraordinariamente a sua importância” (*REVISTA DA SEMANA* n. 48, *Jornal das Famílias* n. 71 – 06 de janeiro de 1917) e complementava o vestuário feminino. Podemos citar também os leques, as bengalas, os calçados, os lenços, as bolsas, as peles, os véus e os chapéus (Figura 26). Esses últimos, um dos elementos que mais representam o meio de distinção social tanto na *Revista da Semana* quanto na seção *Jornal das Famílias*.

A’samaveis leitoras recommendamos uns modelos distinctissimos de chapéus, recentemente apparecidos, e que ficam bem – cousa rara – a quasi todas as physionomias. São os d’abas transparentes cobertas de tullecôr de carne, a copa de velludo preto e dois grandes laços tambem de velludo, tendo como guarnição rosas encarnadas de diferentes nuances (REVISTA DA SEMANA n. 01, 1916, p. [s. p.] - AHR-UPF).

A sombrinha era considerada um acessório “indispensável” para a indumentária, podendo ser de “luxo”. No início do século XX, as sombrinhas “[...] longas fizeram grande sucesso, com cabos decorados [...] Confeccionadas em tecidos finos, como seda (branca, colorida ou preta), eram decoradas com pinturas [...] ou bordadas com motivos florais” (PRADO;BRAGA, 2001, p. 65).

Completando a indumentária, podemos ainda citar os penteados. Como as tendências de vestuário eram lançadas para cada estação, os penteados nas primeiras décadas do século XX foram adquirindo cada vez mais espaço nas tendências de moda. Portanto, a seção também divulgava as últimas modas em penteados para cada estação.

A’ maneira que se observa nas *toilettes* femininas uma evolução para a sua maior simplicidade, o penteado vae adquirindo mais importancia e despertando entre as elegantes o maximo interesse. D’ahí o apresentar-se *biencoifée*, nunca desprezando o lado artistico, é hoje mais necessario do que nunca e o aspecto de uma dama *chic* ganhará mais pelo cuidadoso e intelligente

⁷REVISTA DA SEMANA n. 48, *Jornal das Famílias* n. 71 – 06 de janeiro de 1917.

arranjo do cabelo que pelo luxo ou pela confecção do traje. E é d'um efeito surpreendente uma cabeça bem penteada contrastando com a simplicidade dos vestidos (REVISTA DA SEMANA n. 01, 1916, p. [s. p.] - AHR-UPF).

A indumentária reflete o comportamento do período, uma vez que, após a reestruturação das cidades, com a construção dos *Bulevares*, e lojas luxuosas, por exemplo, a mulher passa a ter mais acesso à rua. Em função disso, um dos hábitos que se intensificou foi o de que em determinados locais, lugares, ocasiões e eventos exigiam a utilização do vestuário e ornamentos “adequados” para cada local e ocasião específica.

Detalhes

A escolha dos “Detalhes”, como parte das categorias de análise, explica-se pela relevância que a seção *Jornal das Famílias* dá aos pequenos detalhes como toques de distinção para o vestuário e os acessórios femininos. Um chapéu, por exemplo, com detalhes em certo tipo de pena, pois apresenta uma nota de distinção ao traje; a combinação entre dois tipos de tecidos com cinto em veludo com flores em fitas e chapéu combinados com os detalhes do cinto, ou então, vestidos enfeitados em *soutache*, fitas em cetim e botões em voga na época.

É essa a ideia que a seção destacava como sendo “notas de distinção” e bom gosto. Os detalhes tinham lugar de destaque no “conjunto da obra” sendo elementos de distinção social pelas minúcias que estavam em evidência no momento e pela originalidade desses na composição da imagem, que, via de regra, transparecia na hierarquia social. A seção *Costuras e Bordados* de 11 de dezembro de 1915 destacava a relevância do bordado nas roupas.

A arte de bordar está actualmente, [...], tomando um enorme desenvolvimento, isto é, a moda é toda a roupa de senhora, de quarto, de mesa, ser bordada, mas com o máximo primor.

Constitue um novo luxo e assim as que trabalham bem fazem-se pagar muito caro, e não tem tempo para attender as constantes encomendas que lhes chegam.

Enxovaes de noivas, de crianças, expõem-se nas vitrines dos mais afamados armazens de Paris, e com as riquissimas rendas que emolduram, attingem preços que parecem fabulosos (REVISTA DA SEMANA n. 35, 1915, p. [s. p.] - AHR-UPF).

A prática dos bordados era considerada como essencialmente feminina, muito embora existissem profissionais que executassem esse trabalho primoroso. Os bordados eram ensinados nas escolas elitistas para meninas, pois desde a infância elas deveriam aprender as habilidades da culinária, costuras e bordados. Na seção *Costuras e Bordados* e em outras reportagens divulgadas dentro do *Jornal das Famílias* era ensinado uma variedade de pontos em bordados e rendas para serem aplicados em vestuários, acessórios e nos artigos de decoração para o lar. Este espaço, também proporcionava dicas de moda com relação aos mesmos.

Quando se fala na atenção que se confere aos detalhes, na composição da vestimenta, levando em consideração o período analisado, não são apenas os bordados que exerciam um toque de distinção à indumentária. Os aviamentos também possuíam esse papel, tais como as fitas em seda, em veludo, as rendas, plumas, penas, galões, lantejoulas, *soutache* de seda, botões, enfim, materiais considerados pela seção da mais “rica” matéria-prima para adornar o vestuário e os acessórios.

Estão actualmente muito em voga os laços elegantes e cintos largos e estreitos de variadas cores [...]

Um bonito vestido de baile é o enfeitado a fitas com lantejoulas prateadas, podendo-as collocar nas costas e na cintura. Com fitas de *moirée*, *faille* e escocesas e tulle, de côres mui vivas, fazem-se vestidos inteiros, ou com as de velludo preto e outras côres sendo muito largas (REVISTA DA SEMANA n. 03, 1916, p. [s. p.] - AHR-UPF).

A seção dá atenção ainda aos diferentes tipos de golas e decotes, punhos, mangas, babados, detalhes em tecidos, recortes, franzidos, drapeados, pregas, cintos, entre outros. Esses “detalhes” e outros tipos de adornos e componentes que “enriquecem” os trajés e acessórios femininos das classes mais abastadas agregam valor simbólico ao vestuário, pois a seção ao mesmo tempo que incentivava uma moda “simples e elegante”, pregava a importância dos detalhes como elementos distintivos.

Corpo e beleza:

Os cuidados com o corpo e beleza de modo geral estão definidos a partir da temática da higiene, correspondendo às preocupações das mulheres para preservar a “mocidade”, através de ensinamentos desde a infância das meninas.

As senhoras acreditavam que, com o cuidado frequente, a começar na meninice, conservariam a juventude em seus traços por mais tempo, recorrendo a alguns cuidados especiais.

Recommendamos especialmente esta maneira de limpar a pelle ás meninas, porque tem muita influencia na conservação da mocidade e belleza da cutis. E as que attenderem este conselho pratico durante anos apresentar-se-hãosem precisarem recorrer a artificios de ‘toilettes’. O avelludado da juventude, que é tão formoso, uma vez perdido, não mais se recupera (REVISTA DA SEMANA n. 52, 1916, p. [s. p.] - AHR-UPF).

Os cuidados com o corpo e com a beleza desde a infância podem ser observados na seção em várias reportagens que ensinam às mães métodos de embelezamento e higiene que deveriam ser seguidos diariamente pelas filhas. Além disso, a seção *Jornal das Famílias* apresentava muitas receitas para produtos de higiene e beleza e os cuidados para “aformosear” a pele, os cabelos, os dentes.

Esse comportamento pode ser entendido como mais um elemento de distinção entre as classes sociais, contribuindo na construção do arquétipo do *chic*, pois a beleza fazia parte do “conjunto” na construção da imagem das mulheres das classes mais abastadas, diferenciando-as daquelas que não tinham tempo nem capital para tal. Segundo a seção, esses cuidados com a aparência “declarariam” a condição social de uma mulher como, por exemplo, nos *cuidados com as mãos*, citados no trecho seguinte.

Uma mão bonita é um privilegio da natureza, e bastante raro, e não ha nenhuma senhora que não a deseje ter. A delicada, de dedos afilados e unhas rosadas, mostra a condição social, e vale a pena entregar-se durante o dia por algum tempo a essa tarefa afim de o conseguir (REVISTA DA SEMANA n. 06, 1916, p. [s. p.] - AHR-UPF).

Os exercícios físicos também eram incentivados como uma forma de trazer benefícios à saúde, contribuindo para o melhoramento e conservação da beleza, pois segundo a seção, era uma prática que deveria ser seguida desde a infância, quando o corpo está em pleno desenvolvimento, até a idade adulta. Assim, a seção enfatiza na reportagem de título *Utilidade no exercicio físico* de 02 de junho de 1917 que,

o exercício physico é uma condição essencial da saúde, é ao mesmo tempo o estimulante e o reguladora vida organica. [...] Contribue [...] para a belleza dos individuos e das raças, dando-lhes uma estructura elegante, um andar firme, e graça aos movimentos e ás atitudes (REVISTA DA SEMANA n. 17, 1917, p. [s. p.] - AHR-UPF).

A seção oferecia ainda receitas de beleza para as suas leitoras, como na reportagem *Conselhos praticos* de 18 de agosto de 1917 que trazia receitas de produtos de beleza e remédios caseiros como, *vinagre de toilette*, *vinagre de bully*⁸, *crème de belleza* e *brilhantina* (REVISTA DA SEMANA n. 28, 1917). Os cuidados com os cabelos também eram apreciados no período, o que pode se verificar no exemplar de 29 de dezembro de 1917 que apresentava uma reportagem de titulação *Maneira simples de tingir os cabelos*, para as senhoras que queriam disfarçar os fios brancos. A revista prescrevia então que “quando os cabellos castanhos começam a ficar grisalhos, molham-se com uma escova embebida em tintura de chá preto muito forte todas as manhãs e à noite [...]” (REVISTA DA SEMANA n. 47, *Conselhos praticos*, 1917).

As questões de higiene eram abordadas com intensidade, tanto no que diz respeito a saúde, quanto como nos cuidados com a beleza, mas esse último era evidenciado no cultivado diário e “rigoroso” da aparência, que compreendia passeios ao ar livre, o uso de produtos de beleza ou mesmo podendo fazê-los no lar para o tratamento da pele e dos cabelos, por exemplo. Assim, essa categoria reflete um hábito entre as mulheres das classes mais abastadas na cidade do Rio de Janeiro, que compreende a conservação da “formosura”, considerada uma qualidade relevante para conquistar um “bom partido” e ascensão social.

Sociabilidade, educação e comportamento social

Para explicar o porquê de esses três elementos “Sociabilidade, Educação e Comportamento Social” terem sido reunidos em uma categoria, torna-se necessário compreender a definição e a contextualização de cada elemento, para entender de que maneira eles se relacionam neste estudo. O termo “sociabilidade”

⁸ Ele ajuda a reduzir a febre, alivia dores de cabeça, alivia dores musculares, ajuda a aliviar coceira de picadas, ideal para aliviar ondas de calor causadas pela menopausa, útil em lavagens íntimas (Tradução nossa, <http://lifeglobal.blogspot.com.br/2007/09/botica-de-la-natureza.html>).

é definido como o “caráter daquele que gosta de viver em sociedade com os outros, ou aptidão a viver em sociedade. Em filosofia, caráter próprio do homem, o que faz com que este viva naturalmente em sociedade [...]” (DUROZOI; ROUSSEL, 2005, p. 440).

As “vivências” e as relações sociais no início do século XX eram bastante consideradas, já que, com a reestruturação das cidades e do perímetro urbano, os passeios, bailes, chás, eventos de caridade, dentre outros, eram uma forma de socialização. O aumento dos espaços e das redes de sociabilidade levaram à necessidade de um preparo específico para as novas atividades, passando, essa preparação, a integrar a educação formal e informal das “moças das boas famílias”.

Esse modelo de educação, entretanto, consiste em civilidade, polidez, relacionado, neste contexto, aos manuais de boas-maneiras, aos protocolos que “devem” ser seguidos conforme as regras da “boa educação”. Isso porque, para o período, além da educação letrada, as mulheres das elites se destacavam pela educação que recebiam e demonstravam na forma de andar, na maneira de conversar com as pessoas. Essa polidez se refletia também na escolha do vestuário e da ornamentação, para que a educação, além de ser percebida através do “portar-se”, fosse demonstrada por meio das roupas. Aprender a se vestir adequadamente, assim como comportar-se em lugares públicos, fazia parte da educação feminina.

A expressão “comportamento social” significa a interação com outros indivíduos, uma forma de comunicação em sociedade, afinal essas condutas sociais fazem parte do que se relaciona com as formas de agir de um indivíduo ante a sociedade, pois se está sujeito a julgamentos baseados em padrões estabelecidos pela sociedade vigente. Nesse sentido, “comportamentos sociais” aqui, refere-se aos comportamentos desejáveis às mulheres das classes abastadas. Elas deveriam evitar condutas consideradas “excêntricas” ou mal vistas pela sociedade, como o comprimento da saia mais curto do que o considerado padrão. Um bom comportamento implicava na escolha do estilo adequado a seu tipo físico ou o uso do “novo espartilho”, seguindo as tendências da estação.

Esses itens foram reunidos nesta categoria, pois abrangem as condutas distintas entre classes sociais e envolvem a moda, que não é entendida somente

na sua forma material – tecidos, adornos, etc –, mas, também, no seu aspecto imaterial, como determinados comportamentos sociais a ela atrelados, num contexto social marcado pela aparência, pelo prazer de ver e ser visto.

Nesse sentido, as mulheres descritas na revista como *chics*, elegantes e *distintas* frequentavam os salões, os bailes, os teatros, as cerimônias importantes, sendo que nesses ambientes, o cumprimento às normas de conduta, designadas para o público feminino, era rigorosamente observado, como era o caso dos *footings*.⁹

Para a Parisiense, assim como para a Brasileira que começa a praticar-o, é esse sport uma ocasião para apresentar uma nova toilette, para fazer gestos graciosos e frequentar familiarmente pessoas do outro sexo sem dar motivo á maledicencia.

Esse exercício encantador dá ensejo á exhibição de elegancias e ás pessoas espirituosas e maliciosas ocasião á esgrima das palavras. O Footing, ao contrario dos outros sports, não exige aprendizagem, nem penoso treinamento, não comporta inferioridades humilhantes, pois para fazer o Footing, basta saber caminhar com graça. [...]

O Footing é eminentemente propicio á conversa e se é avisado escolher com muito cuidado o vestido que se deve uzar, tanto mais empenho se deve ter na escolha do companheiro.

A moça bonita não deve escolher uma companheira feia e pouco elegante das que se chamam cruelmente *repoussoirs*. E' afflictivo o contraste da beleza com a fealdade. [...]

Tambem se deve fugir do amigo amável démais que não faz o Footing mas o *flirting*. Prefira-se o amigo animado, alegre e cortez, que sabe gozar das alegrias sãs da vida, companheiros perfeitos cuja presença dará mais graça aos prazeres da hora encantada do Footing (REVISTA DA SEMANA n. 05, 1917, p. [s. p.] - AHR-UPF).

Quando se fala em educação e comportamentos sociais, na seção *Jornal das Famílias* viu-se muitas vezes a expressão *savoir-vivre*, termo francês que significa “boas maneiras”. Simbolicamente, tais regras morais serviriam de guia para a sociedade, norteadando o que é certo e o que não é.

Ha um ponto de *savoir-vivre* que certas pessoas – sobretudo as mulheres – esquecem muitas vezes, apesar de ser da mais alta importancia.

⁹ O *footing* era considerado um “esporte elegante”, uma das formas de socialização entre as classes elevadas muito em moda na época. Era uma caminhada onde as mulheres punham um vestido novo para serem vistas. Na seção, o cronista dirige-se ao *footing* como um esporte (REVISTA DA SEMANA n. 05, 1917 - AHR-UPF).

O bom costume não permite fazer-se na conversação ao seu interlocutor uma serie de perguntas sem tacto e sem proposito, - e nada é mais descortes que fazer perguntas indiscretas (REVISTA DA SEMANA n. 15, 1917, p. [s. p.] - AHR-UPF).

Na reportagem de 03 de março de 1917, a seção traz uma matéria que aborda os comportamentos das mulheres em público com relação aos gestos que são adequados para uma “boa educação”. Uma mulher elegante “deve” ter gestos graciosos e delicados, saber sentar-se e cruzar as pernas delicadamente, evitando movimentos bruscos e deselegantes. A maneira de portar-se e mover-se com graciosidade transmitiriam sinais de distinção.

Quantas vezes não ouvimos esta phrase – ‘Com effeito, ella é bonitinha, mas tem uma maneira de gesticular que a torna ridicula’.

A quantas meninas e moças não servirá esta phrase? Quantas devem tomar cuidado com os seus gestos!

Devem-se evitar os movimentos bruscos e desgraciosos levantando-se, andando, sentando-se, offerecendo uma chavena de chá, etc.; como se deve evitar uma porta bruscamente.

Não se deve também accentuar o que se diz com gestos muito exagerados, levantar os braços ou mexer com a cabeça a cada instante; as moças sobretudo devem evitar os gestos e posições que só convém aos homens; cruzarem por exemplo as pernas, pôrem-se muito a gosto n’uma cadeira, esticarem muito as pernas ou então balançarem com os pés.[...]

E’ absolutamente necessario para a mulher ter graça evitar os gestos nervosos e bruscos. – Com toda a facilidade se corrigem estes defeitos nas creanças; mais tarde será muito difficil sendo o habito uma segunda natureza (REVISTA DA SEMANA n. 04, 1917, p. [s. p.] - AHR-UPF).

A educação era uma forma de distinção, visto que, no meio social, além da aparência, saber comportar-se “aformoseava o exterior”. Na reportagem citada abaixo, a seção enfatiza que um dos “deveres” da mulher era, além de apresentar as pessoas com a sua beleza natural, utilizar-se da educação para ser agradável para essas pessoas.

O principal papel das mulheres é agradarem, tanto pela graça physica com que a natureza as dotou, como pela riqueza de espirito que a educação lhes tem proporcionado.

A educação tambem ensina a aformosear-nos exteriormente.

A mulher despenteada torna-se ridicula assim como um homem com a barba mal feita. Fica-se muitas vezes em duvida se é mais

excelente ter espírito, graça e recursos intelectuais ou boa roupa, bem talhada, e bonitas posições ou gestos. Em sociedade tudo quanto moderadamente se fizer para parecer bem não é inútil: chega a ser até dever estrito; dever de educação (REVISTA DA SEMANA n. 32, 1917, p. [s. p.] - AHR-UPF).

Outro ponto enfatizado nas reportagens diz respeito as escolhas das mulheres para a composição do estilo do vestuário. Para não *cair no campo do ridículo*, era necessário ter conhecimento de alguns critérios, visto que tais escolhas poderiam influenciar na reputação das senhoras, como, por exemplo, “dez centímetros a mais ou a menos no comprimento do vestido” (REVISTA DA SEMANA n. 12, seção *Jornal das Famílias*, 29 de abril de 1916). O comprimento das saias era uma questão relevante a ser considerada nas primeiras décadas do século XX, pois as senhoras poderiam ser consideradas “excêntricas” se não seguissem os padrões estabelecidos pela moda de *Paris*. Segundo uma crônica da seção *Jornal das Famílias* “a que cahe sobre o tornozelo é a que mais se aconselha e marca mesmo a exacta média do comprimento. Dá mais leveza, mais desembaraço ao andar” (REVISTA DA SEMANA n. 30, 02 de setembro de 1916).

Além da expressão “cair no campo do ridículo” e “excêntricas” para aquelas que “faziam mal uso da moda”, a revista divulga outros adjetivos como “burguesas endomingadas” referentes às que usam cores vivas e chamativas, ou “plebeia” com relação a certos cuidados com que as mulheres devem ter em relação ao uso de determinados trajes que requerem “solenidade” ou então “falta de gosto esthetico” que conforme a crônica de 18 de março de 1916 “[...] a moda não desculpa, a senhora apresentar-se com braços nus, quando não são finos e torneados” (REVISTA DA SEMANA n. 06, 1916). Enfatiza também, que as mulheres “deveriam” usufruir da moda para disfarçar os defeitos corporais e evidenciar o que elas apresentam de mais belo.

As categorias aqui analisadas evidenciaram que os principais artigos da seção *Jornal das Famílias*, que compõe a maioria das matérias, eram dirigidos para um público feminino de uma camada social específica, aquelas mais abastadas da sociedade. A análise das categorias elencadas permitiu a identificação de variados componentes simbólicos de distinção social e de gênero, que de uma maneira geral, estavam atrelados a moda. Desta forma, a mulher, leitora da *Revista da Semana*, deveria ter cuidado com uma série de itens: o

penteados, os adornos essenciais, a vestimenta, a escolha dos tecidos de boa qualidade, as normas de conduta para cada ocasião e uma boa educação. Todos esses elementos a definiam como *distinta*, elegante e *chic*.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. *História da fotorreportagem no Brasil: a fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- BOTICA DE LA NATURALEZA, s. d. Vinagre de bully. Disponível em: <<http://lifeglobal.blogspot.com.br/2007/09/botica-de-la-naturaleza.html>>. Acesso em: 2015.
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp, 2007.
- _____. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2013.
- BOURDIEU, Pierre; DELSAUT, Yvette. O costureiro e sua grife. *Educação em revista*, Belo Horizonte n. 34, dez., 2001.
- BUITONI, Dulcília. *Imprensa feminina*. São Paulo: Ática, 1990.
- CALANCA, Daniela. *História social da moda*. São Paulo: Senas São Paulo, 2008.
- CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. 3. ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1991.
- DUROZOI, Gérard; ROUSSEL, André. Tradução Marina Appenzeller. *Dicionário de filosofia*. 5. ed. Campinas/SP: Papyrus, 2005. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=Sh8bHlea2YIC&oi=fnd&pg=PA81&dq=dicion%C3%A1rio+de+sociologia&ots=pPHNhwQxY8&sig=KtmDnRTFHqEB6UaoYvAVgJm7DM#v=onepage&q=dicion%C3%A1rio%20de%20sociologia&f=false>>. Acesso em: 04 maio 2015.
- ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.
- FEIJÃO, Rosane. *Moda e modernidade na belle époque carioca*. São Paulo: Estação das Letras, 2011.
- HAWTHORNE, Rosemary. *Por baixo dos panos: a história da calcinha*. São Paulo: Matrix, 2009.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas/ – SP: Unicamp, 2003.
- LENOBLE, Robert. *História da Idéia de Natureza*. Lisboa: Edições 70, 1990.
- LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2006.
- MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista: imprensa e práticas culturais em tempos de república*. São Paulo (1890-1922). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.
- OLIVEIRA, Cláudia. A iconografia do moderno: a representação da vida urbana. In: OLIVEIRA, Cláudia de; VELLOSO, Monica Pimenta; LINS, Vera. *O moderno em revistas: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

PRADO, Luís André do; BRAGA, João. *História da moda no Brasil: das influências às autorreferências*. 2. ed. São Paulo: Disal 2011.

SIQUEIRA, Maria da Penha Smarzaró. A cidade e a urbanização no ideário da modernidade republicana. In: MATA, Sérgio Ricardo da; MOLLO, Helena Miranda; VARELLA, Flávia Florentino Varella (Org.). Caderno de resumos & Anais do 2º Seminário Nacional de História da Historiografia. *A dinâmica do historicismo: tradições historiográficas modernas*. p. 1-11. Ouro Preto: EdUFOP, 2008.

Disponível em:
<<http://www.seminariodehistoria.ufop.br/seminariodehistoria2008/t/sma.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2015.

Recebido em Setembro de 2015

Aprovado em Fevereiro de 2016